
Nós versus eles: a cobertura jornalística que criou polarização em junho de 2013¹

Bárbara Libório²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Este artigo é um recorte de minha dissertação de mestrado intitulada “Nós versus eles: o jornalismo como agente polarizador nas jornadas de junho de 2013”. Ele explora a cobertura feita pela Folha de S.Paulo sobre os protestos de junho de 2013, focando na polarização resultante das diferentes representações dos grupos envolvidos. Utilizando a Análise Crítica do Discurso e as teorias de Teun A. van Dijk (2016), o estudo analisa as estruturas discursivas presentes em editoriais e artigos de opinião de jornais americanos sobre o terrorismo. Os resultados ressaltam a marginalização, a ausência de uma narrativa abrangente sobre o "outro" e a falta de apoio argumentativo em relação ao grupo em questão. Esses elementos desempenharam um papel significativo na formação da opinião pública sobre os manifestantes de junho de 2013. Assim, o artigo ilustra como o jornalismo pode contribuir para a criação de uma sociedade polarizada e dividida, onde diferentes grupos são retratados de maneira positiva ou negativa.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo de conflitos, polarização, mídia e ideologia.

INTRODUÇÃO

Em junho de 2013 o Brasil se viu frente a manifestações populares que não eram tão grandes desde a redemocratização. Eram as Jornadas de Junho, como ficou conhecida a série de protestos contra o aumento da tarifa do transporte público, que teve início em São Paulo e se espalhou pelo país. No dia 12, a capa de um dos maiores jornais em circulação no país, a Folha de São Paulo, carregava em si uma série de significados. Sobre a manchete "Contra tarifas, manifestantes vandalizam centro e Paulista", a foto de manifestantes encapuzados fazendo uma barricada de ferro e fogo em meio a avenida mais importante da cidade era o destaque da página. Mais abaixo, outras duas imagens: a de policiais atirando balas de borracha e a de um ônibus sendo incendiado.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, e-mail: barbara.liborio@gmail.com.

São muitos os autores que se debruçaram sobre junho de 2013 para entender seu surgimento e analisar a extensão de seu impacto. Para Nobre (2013), as manifestações surgiram como expressão de inconformismo e revolta com a atual configuração do sistema político. Avritzer (1996) sugere que o grande ponto foi a participação social. Já Marilena Chauí (2013) nos lembra o papel do “inferno urbano” e a degradada situação da vida urbana nas grandes metrópoles brasileiras. Além de todos esses fatores, no caldeirão de interesses havia ainda os interesses da mídia.

Em uma democracia, segundo Silva (2005), o jornalismo é um campo de mediação, que proporciona a circulação entre os diferentes espaços que compõem o espaço público. Nesse contexto, o jornalista é aquele que circula entre os três espaços (MORAES e ADGHIRNI, 2011). Sabemos, no entanto, que o jornalismo prospera com conflitos, tendo em vista que a tensão entre os sujeitos muitas vezes torna uma história dramática e interessante. Como resultado, as rotinas normais de repórteres e editores tendem a enfatizar vozes extremas e eventos combativos. Mas se o jornalismo tornou-se o espaço público dos confrontos discursivos, e se tudo o que o jornalismo relata são conflitos (CHAPARRO, 2001), será possível comunicá-los sem torná-los ainda mais polarizados ou polarizadores? Reconhecer as estruturas que o fazem possa ser, talvez, o primeiro passo.

ANÁLISE DA COBERTURA DA FOLHA DE S.PAULO EM JUNHO DE 2013

Para analisar o discurso midiático brasileiro em junho de 2013, teremos como base conceitos da Análise Crítica do Discurso. E, para isso, há de se recuperar um conceito que lhe é basilar: o da ordem do discurso, esmiuçado por Foucault (1996), que descreve a maneira como o poder é exercido por meio das práticas discursivas.

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

De acordo com Teun A. van Dijk (2005), uma das principais figuras da Análise Crítica do Discurso e uma referência neste trabalho, a ACD investiga como o abuso do

poder social, a dominância e a desigualdade são postos em prática, reproduzidos ou resistidos por meio do texto e da fala, em contextos sociais e políticos. Essa perspectiva é aplicável a diversas áreas, como a análise da conversação, análise narrativa, retórica, sociolinguística, etnografia e, como mostraremos, análise da mídia.

No âmbito do jornalismo, esse quadro pode ser aplicado à reportagem de notícias. Um conceito crucial para a compreensão das notícias, conforme detalhado por Dijk (2005), é o de modelos mentais, que representam a representação mental das pessoas sobre eventos que observam, participam ou leem. Influenciados por crenças sociais e ideologias circulantes, esses modelos servem como uma interface entre estruturas sociais e indivíduos, moldando opiniões ou crenças avaliativas sobre eventos e participantes. Dijk (2005) destaca que esses modelos podem ser "manipulados" pelas estruturas e conteúdos das reportagens de notícias. Os próprios jornalistas possuem modelos para cada evento, influenciados por suas ideologias, que podem moldar como os leitores desenvolvem modelos mentais semelhantes.

O trabalho do jornalista consiste em se dotar de rotinas, de automatismos de classificação, de um senso prático proveniente da experiência, que lhes permitam hierarquizar rapidamente o caos da informação (GANS, 1980). Nessa hierarquia, a escolha pelo que se destaca e pelo que se omite tem consequências.

[...] Os textos noticiosos podem enfatizar ou menosprezar as causas ou consequências dos acontecimentos ou as características dos atores nos acontecimentos noticiados. Assim, as notícias sobre os acontecimentos em Los Angeles podem menosprezar as causas ou os motivos racistas dos acontecimentos e enfatizar a natureza criminosa ou as atividades dos homens jovens negros, de uma forma tal que os modelos dos leitores seriam influenciados nessa direção (DIJK, 2005, p. 79).

Assim como Engel e Marx (2007) acreditavam que a classe dominada estava condicionada a criar representações baseadas no que a classe dominante determina, já que a burguesia era detentora dos meios de produção materiais, para Dijk (2015), as ideologias não são inatas, mas aprendidas, partilhadas e usadas para identificar, formar e manter grupos sociais e seu poder. E as ideologias de grupo são desenvolvidas e usadas em relação a outros grupos sociais: para competir com, dominar, resistir ou interagir de outra maneira com outros grupos e seus membros. É justamente assim que, segundo Dijk (2005), elas são expressas na mídia: pelas manifestações da polarização entre os

grupos – "nós" *versus* "eles". Um exemplo: as coisas ruins "deles" são noticiadas nas primeiras páginas, enquanto as "nossas" coisas más aparecerão com menos destaques.

Analisaremos agora essa construção nas notícias publicadas pelas edições do jornal Folha de S.Paulo. A metodologia adotada envolve a análise das notícias das edições dos dias 7, 8 e 12 de junho, após os primeiros protestos do Movimento Passe Livre (MPL) em 6 de junho. A escolha dessas edições se deve à cobertura que abrange desde o primeiro protesto até o ato mais violento em 13 de junho, considerado o "ponto de virada" na cobertura. A análise considera tanto o texto impresso quanto o formato online, observando escolhas de palavras, imagens, espaço e disposição dos elementos nas páginas, elementos intrinsecamente ligados à construção narrativa pela imprensa e pelos manifestantes.

A abordagem metodológica se baseia no estudo de Dijk (1996) em *Ideological Discourse Analysis*, que analisa editoriais e artigos de opinião de jornais americanos como o New York Times e o Washington Post sobre o tema do terrorismo. Dijk sugere estruturas discursivas envolvidas na "autoapresentação positiva e apresentação negativa do outro" nesse contexto. Estratégias como marginalização, ausência de storytelling sobre o outro e falta de suporte argumentativo ou gerenciamento de impressão quando se trata do "outro" são identificadas. Essas estratégias podem aparecer em elementos fonológicos, gráficos, semânticos, retóricos, lexicais e na organização geral das apresentações.

Importante ressaltar que Dijk (1996) se concentra em editoriais, artigos não assinados que avaliam e julgam notícias de grande importância. No editorial, a opinião é mais explícita do que nas notícias diárias. Surpreendentemente, as mesmas estruturas identificadas por Dijk em editoriais norte-americanos também estão presentes nas reportagens brasileiras sobre o evento, como será explorado mais adiante.

Lexicalização negativa: É o que Dijk (1996) descreve como "a seleção de palavras (fortemente) negativas para descrever as ações dos Outros: destruir, traumatizar, terrorismo, medo paralisante, ódio inflamado, gangues, turvo, envenenado, obsessão, extremismo, etc.". Na ACD, as escolhas linguístico-discursivas são motivadas por ideologias que acusam a posição do ator social que produz aquele discurso (FAIRCLOUGH, 2001).

Essa estratégia discursiva esteve presente desde o primeiro momento da cobertura dos protestos. A capa da primeira edição a tratar das manifestações de junho, publicada no dia 7, traz uma chamada no alto da página, à esquerda, com o título "Vandalismo marca ato por transporte barato em SP". Em dois parágrafos, o jornal discorre sobre como os manifestantes, que protestavam contra a elevação da tarifa do transporte público, protagonizaram cenas de "vandalismo" e "depredação", e acabaram detidos pela Polícia Militar. A imagem principal da capa do jornal é a de manifestantes queimando catracas de papelão na Avenida 23 de Maio.

Figura 1 – Capa do jornal Folha de São Paulo, de 7 de junho de 2013



Fonte: Folha de São Paulo (2013)

A capa do caderno de Cotidiano segue a mesma estratégia discursiva, estampando o título "Protesto contra aumento de ônibus tem confronto e vandalismo em SP". Na linha-fina e no olho da matéria, o jornal destaca que cerca de 2.000 manifestantes fecharam a Avenida Paulista e que a polícia utilizou balas de borracha e bombas de gás para "contê-los". Ao lado direito da reportagem principal, uma matéria menor leva o título "Grupo reúne ala radical de partidos e estudantes". Nesse contexto, "radical" é usado como alternativa à "extrema". O texto discorre sobre outras manifestações do MPL, incluindo a que "terminou com um boneco de Kassab queimado" e outra que "acabou com manifestantes, vereadores e policiais feridos".

Figura 2 – Capa do caderno de Cotidiano da Folha de São Paulo em 7 de junho de 2013



Fonte: Folha de São Paulo (2013)

Vejamos também a capa da edição do jornal Folha de São Paulo em 12 de junho. Ali, pela primeira vez, a reportagem sobre a manifestação da noite anterior é a manchete do jornal (Figura 3). Como descreve Dijk, o uso da manchete para exibir julgamentos positivos e negativos sobre grupos é uma estratégia de ênfase gráfica. O veículo usa a palavra "vandalizam" para referir-se ao comportamento dos manifestantes no protesto da noite anterior: "Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e Paulista".

Figura 3 – Capa do jornal Folha de São Paulo, de 12 de junho de 2013



Fonte: Folha de São Paulo (2013)

Ao apresentar os manifestantes como "vândalos", a notícia os situa em um grupo oposto ao daqueles que se julgam civilizados.

Assim, o nome vândalos hoje identifica os sujeitos descivilizados que são significados por sentidos que os designam bárbaros, são os que ocupam o lugar social daqueles (os outros) que não comungam com a condição civilizatória ocidental em que vivem, não seguem o fio norteador naturalizado que se estabeleceu para o “nós” que vive uma sociedade civilizada. Os manifestantes vândalos são “os outros”, não fazem parte da sociedade ordeira, eles são os estranhos (“os grupos”, “os desordeiros”, “os vândalos”, “uma minoria”), os responsáveis pela ruptura da ordem social estabelecida (KARIM e ALVARES, 2018, p. 168).

A lexicalização negativa segue ainda nas reportagens internas da edição.

Hipérbole: É o que Dijk (1996) descreve como "uma descrição de um evento ou ação em termos fortemente exagerados", quando, por exemplo, um atentado a bomba no qual morreram poucas pessoas é comparado a um holocausto nuclear.

Para Fiorin (2014), as figuras de retórica, como a hipérbole, devem ser vistas como operações enunciativas para intensificar o sentido de algum elemento do discurso. São, assim, mecanismos de construção do discurso. Para entender isso, é preciso vê-las dentro de um contexto mais amplo. (FIORIN, 2014, p. 10).

As reportagens de 12 de junho esforçaram-se para que o leitor pudesse imaginar o cenário dos protestos da noite anterior como um cenário apocalíptico. Em uma das matérias publicadas no caderno Cotidiano, o jornal afirmou que "as ruas da região central de São Paulo viveram ontem um clima de guerra". O jornal não apenas utilizou o termo em reportagens como, durante a cobertura de todo o mês, transformou-o em retranca: "Guerra da Tarifa". Na prática, se o leitor quisesse procurar por reportagens com a temática dos protestos de junho, bastaria ele procurar pela retranca "Guerra da Tarifa" no jornal.

Chama atenção e merece destaque na análise o uso da palavra "guerra" para se referir ao cenário da manifestação. Quatro anos depois, em 2017, o Jornal Extra, do Rio de Janeiro, criaria a editoria denominada “Guerra do Rio” e seria criticado por isso. Dentre outras coisas, as críticas abordavam a arrogância da imprensa em querer determinar o que é ou não uma "guerra" e também o conseqüente silenciamento de

outras violências. Como escreve Chauí (1992), ao mesmo tempo em que gritamos contra a violência, produzimos imagens e explicações para ela de maneira que a violência real jamais possa se tornar visível e compreensível, inclusive quando a ocultamos com um dispositivo de exclusão, com a distinção entre um "nós brasileiros não-violentos" e um "eles violentos".

Movimento de compaixão: Descrito por Dijk (1996) como "mostrar empatia ou simpatia pelas (fracas) vítimas das ações dos Outros, de modo a aumentar a brutalidade do Outro".

Esse movimento ficou claro no dia 12 de junho, na terceira matéria do caderno Cotidiano sobre o assunto (Figura 6), intitulada "Sozinho, PM quase foi linchado na região da Sé". A reportagem é um relato em primeira pessoa de um jornalista que testemunhou uma cena de confronto entre manifestantes e um policial. Já no abre do texto, no primeiro parágrafo, ressalta-se a brutalidade do "grupo desviante", de manifestantes: "Um policial militar com rosto banhado de sangue, cercado e agredido com socos, chutes e pedras por cerca de dez manifestantes". Ao final, o jornalista reforçou a aparente solidão do policial e também o anonimato ou até mesmo descaso da corporação para com ele. "Mesmo cercado, o PM saiu dali e caminhou só em direção a um acesso ao tribunal. Um colega se aproximou. Colocado num carro da corporação, foi levado ao hospital. Até ontem, a sala de imprensa da PM não tinha informações sobre ele."

Vale perceber que aparecem também como vítimas dos protestos na imprensa tradicional todos os cidadãos que ficaram presos em seus trabalhos, casas ou no trânsito devido à interrupção de vias pelos manifestantes. Na edição do dia 8 de junho, por exemplo, uma das chamadas de capa do jornal que destacava os confrontos do protesto realizado na noite anterior dizia que "o medo na região fez o comércio fechar mais cedo e um colégio e empresas anteciparam a saída de funcionários".

Figura 6 – Reportagem da Folha de São Paulo em 12 de junho de 2013



Fonte: Folha de São Paulo (2013)

Movimento de altruísmo aparente: Segundo Dijk (1996), relacionado ao movimento de compaixão, "este movimento é usado para enfatizar a compreensão da posição ou dos interesses de (alguns) dos Outros". Chama-se "aparente", porque o argumento geralmente não é desenvolvido e apenas tem uma função de negação e auto-apresentação positiva.

Há poucos movimentos assim e poucos são os momentos em que o veículo de fato escuta ou ao menos reproduz o que dizem os primeiros organizadores dos protestos, o MPL. No dia 8 de junho reportagem intitulada "'É impossível controlar a revolta, diz movimento após protestos', diz movimento" dá espaço a uma nota escrita pelo movimento afirmando que "não incentiva a violência em momento algum de suas manifestações". Abaixo da reportagem há, em uma coluna, um infográfico pequeno e pouco detalhado com o perfil do MPL.

A primeira entrevista com membros do MPL foi publicada no dia 12 de junho (Figura 8), intitulada "'É revolta popular, sem controle', diz movimento". Ainda assim, a reportagem refere-se aos atos do protesto como atos de "vandalismo" e reproduz falas da Polícia Militar que se referem ao protesto como "balbúrdia" e "baderna". Em diversos momentos, nas edições analisadas, o MPL, que se descreve como um movimento apartidário, é descrito como um grupo "radical", que reúne grupos "punks", "anarquistas", e membros de partido "de esquerda".

Figura 8 – Reportagem da Folha de São Paulo em 8 de junho de 2013



Fonte: Folha de São Paulo (2013)

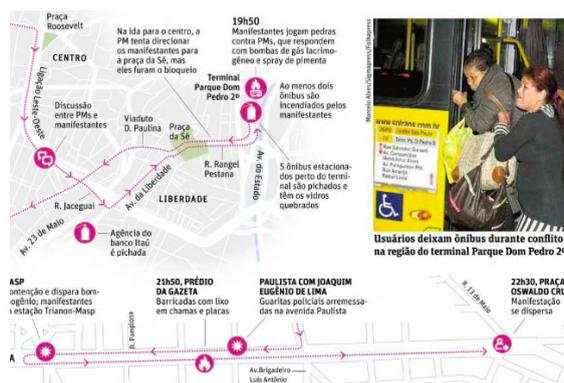
Generalização: Segundo Dijk (1996) é a generalização de uma pessoa ou um pequeno grupo para um grupo ou categoria maior. Por exemplo, quando possíveis ataques a bomba nos EUA não são noticiados como ações de pequenos grupos de terroristas específicos, mas, geralmente, atribuídos a imigrantes não identificados e, portanto, a qualquer imigrante.

Em junho de 2013 isso aconteceu principalmente quando a imprensa repercutiu os atos de um pequeno grupo entre os manifestantes como se eles representassem todos os envolvidos no protesto. Vale lembrar que as Jornadas de Junho de 2013 ficaram conhecidas pela participação de *black blocs*, adeptos da estratégia anarquista. O grupo se caracteriza por usar roupas e máscaras negras cobrindo o rosto e usa como estratégia a promoção de dano material a fachadas de empresas multinacionais e vidraças de bancos, por exemplo, como protesto contra o capitalismo e a globalização. Até o dia 13 de junho, no entanto, havia poucas menções ao grupo *black bloc* na cobertura da Folha de São Paulo sobre os protestos.

Concretização: Dijk (1996) explica que, para enfatizar seus atos negativos, outro movimento conhecido é descrever os atos em detalhes e em termos concretos e visualizáveis.

Na reportagem publicada em 7 de junho, o jornal discorre em detalhes quais seriam as atitudes de vandalismo dos manifestantes. No dia 12, além da reportagem que narra cronologicamente e detalhadamente o confronto entre o PM Paulo Vignoli e o grupo de manifestantes, o caderno também traz a ilustração de um mapa da região do centro da cidade (Figura 9), indicando a cronologia dos fatos e os pontos por onde houve protestos. Todos marcam apenas ações "negativas" dos manifestantes, como barricadas, arremessos de objetos, pichações, furo de bloqueio policial, etc., sem registros de ações iniciadas pelas polícias.

Figura 9 – Ilustração e foto publicadas na Folha de São Paulo em 12 de junho de 2013



Fonte: Folha de São Paulo (2013)

Violação de normas e valores: Para Dijk (1996), a maneira mais fundamental de estabelecer uma distinção entre "eles" e "nós" não é apenas descrever o "nós" em termos benevolentes e o "eles" em termos negativos, mas enfatizar que os "outros" violam as próprias normas e valores que prezamos.

É o que o jornal faz ao enfatizar, principalmente com o uso de imagens, que os manifestantes causaram transtornos aos próprios usuários de transporte público, que ficaram parados no trânsito ou tiveram sua mobilidade pela cidade reduzida, ou que houve dano ao patrimônio, com o incêndio de ônibus e possível redução de algumas frotas.

Pressuposição: Segundo Dijk, esse é um dispositivo semântico conhecido para enfatizar indiretamente nossas boas propriedades e as más propriedades deles. Essas propriedades são simplesmente consideradas conhecidas, como se fossem senso comum e, portanto, não precisam ser especificamente comprovadas.

É possível enxergar o dispositivo em dois momentos: o primeiro, semelhante à generalização, quando se pressupõe que todos os manifestantes estão ali pelos mesmos motivos e usando as mesmas táticas, embora nada prove isso. E o segundo, quando não há questionamento sobre a ação policial, partindo do pressuposto que as forças policiais agem sempre para proteger os cidadãos ou defenderem a si próprios.

Alerta: Quando mesmo sem evidências sobre fatos ou desenvolvimentos prováveis, os conteúdos enfatizam possíveis ameaças e terror. Segundo Dijk (1996), a lexicalização negativa, a hipérbole, a generalização, e a concretização podem fazer parte desse retrato persuasivo da ameaça.

Aqui, há uma proximidade com o conceito de pânico moral introduzido por Stanley Cohen em 1972, quando ele descreve em seu livro *Folk Devils and Moral Panics* a situação ocorrida na Inglaterra, em 1960, em que a imprensa amplificou muito além de sua escala e de seus significados reais as desavenças entre dois grupos, os *mods* e os *rackers*, gerando um sentimento de grande inquietação no público ante as práticas culturais das duas subculturas jovens, e um conseqüente incremento da polarização social.

[...] uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas emerge para ser definido como uma ameaça aos valores e interesses sociais; sua natureza é apresentada de uma forma estilizada e estereotipada pelos meios de comunicação de massa; as barricadas morais são tripuladas por editores, bispos, políticos e outras pessoas right-thinking; expertos socialmente acreditados pronunciam os seus diagnósticos e soluções; formas de lidar são evoluídas ou (mais frequentemente) recorrem a; a condição depois desaparece, submerge ou deteriora-se e torna-se mais visível. Às vezes o objeto do pânico é uma novidade e outras vezes é algo que já existe há algum tempo, mas que aparece de repente no centro das nossas atenções. Às vezes o pânico passa e é esquecido, exceto no folclore e na memória coletiva; outras vezes eles têm repercussões mais graves e de longa duração e pode produzir mudanças, quer nas políticas sociais e legais ou mesmo na forma como a sociedade se concebe a ela própria” (COHEN, 1972, p.1).

Ao usar de recursos como a lexicalização negativa, a hipérbole, a generalização, e a concretização para retratar os manifestantes como ameaças, o jornal agiu de maneira semelhante ao da mídia inglesa retratado pelo autor.

Outros recursos citados por Dijk, como a aliteração, o movimento de aparente honestidade e a comparação negativa não estão presentes no corpus analisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas, o jornalismo tem passado por uma série de dificuldades estruturais: as mudanças em sua monetização, uma vez que a internet mudou a forma como os anunciantes, os grandes patrocinadores do jornalismo brasileiro, usam suas verbas de publicidade; a consequente precarização da mão-de-obra, com frequentes demissões em massa nas principais redações do país; e a adaptação a novas tecnologias que trouxeram consigo novos estilos de narrativa e novas formas de impactar a audiência.

Na base, entre repórteres e editores precarizados, isso se traduz em coberturas simplificadas, em "flashes fragmentados" de grandes fenômenos sociais. Em outro canto, no comando das redações, a cobertura é formatada mediante interesses econômicos e políticos que buscam cada vez mais a sobrevivência dos veículos, reproduzindo as ideologias da elite dominante e retratando conflitos de maneira criar a imagem do "Outro" e a narrativa do "nós" *versus* "eles", em que "eles", o grupo desviante, desafia o grupo dominante.

A análise da cobertura de junho de 2013 é o exemplo disso: a imprensa estigmatizou o grupo de manifestantes que protestava contra a decisão política e econômica de aumentar o preço da tarifa do transporte público. Mais que isso, transformou esse "grupo desviante" em "bode expiatório", estereotipando-os como "vândalos" e "ameaças" aos valores e interesses basilares da sociedade. A marginalização, a ausência de storytelling sobre outro, e a falta de suporte argumentativo ou gerenciamento de impressão quando se trata "deles" estão presentes no corpus analisado neste artigo.

Parte do antídoto para esse processo de polarização midiática está em repensar o fazer jornalístico e seus processos que vão da seleção das notícias à apresentação das mesmas, ainda que seja impossível, é claro, ignorar as interferências externas e superiores que impactam e continuarão impactando as práticas de repórteres e editores. Ao focar apenas nos registros de violência e no fomento de disputas, mas não na contextualização de causas e consequências, na humanização de todas as partes e nas possíveis soluções, o jornalismo limita-se ao papel de noticiador e fomentador dos conflitos e não de mediador. É fundamental que os profissionais da mídia estejam cientes dessas dinâmicas e trabalhem para evitá-la.

REFERÊNCIAS

- AVRITZER, Leonardo. **Impasses da democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CHAPARRO, M. C. **Jornalismo não se divide em opinião e informação**. [s/d].
- CHAUÍ, Marilena. **As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo**. Midiocratiza. 2013.
- _____. **Uma ideologia perversa: explicações para a violência impedem que a violência real se torne compreensível**. Folha de S. Paulo, Caderno Mais. 1999. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_1_4.htm> Acesso em 16 de novembro de 2022.
- COHEN, S. **Folk devils and moral panics**. London: MacGibbon & Kee, 1972.
- DIJK, V.T.A. **News as discourse**. The Netherlands: University of Groningen, 1988
- _____. **Discurso, notícia e ideologia: estudos na análise crítica do discurso**. Porto: Campo das Letras, 2005.
- _____. Ideological discourse analysis. **Moara – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, v. 6, p. 13-45, 1996.
- _____. Ideologia. **Letras de Hoje**, p. s53-s61, 2015.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007. P.72
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Coordenação da tradução de Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2001
- FIORIN, José Luiz. **Figuras de pensamento: estratégia do enunciador para persuadir o enunciatário**. **Alfa. Revista de Linguística**, v. 32, p. 53-67, 1988
- FOUCAULT, M. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GANS, Hebert J. **Deciding what's news**. Londres: Constable, 1980.

KARIM, T.M.; ALVARES, L. De incivilizados a descivilizados: um percurso semântico do nome vândalos. In. ORLANDI, E.P.; MASSMAN, D.; DOMINGUES, A.S. (Org.). **Linguagem, instituições e práticas sociais**. Pouso Alegre: Editora Univás, 2018.

MORAES, Munhoz Francileine; ADGHIRNI, Leal Zélia. **Jornalismo e democracia**: o papel do mediador. BOCC.

NOBRE, Marcos. **Choque de democracia**: razões da revolta. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SILVA, Luis Martins da. **Democracia, jornalismo e cidadania**. In: GENTILLI, Victor. Democracia de massas: jornalismo e cidadania: estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

SOUZA, J. **A radiografia do golpe**. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.